

Economia & NEGÓCIOS

economia@jb.com.br

JORNAL DO BRASIL ☆ SEGUNDA-FEIRA, 6 DE JUNHO DE 2005

A17

Empresas perdem para os juros

Apenas 34% das companhias ofereceram ao investidor retorno superior aos títulos públicos atrelados à Selic no primeiro trimestre

SAMANTHA LIMA

A histeria dos empresários sobre os efeitos da política monetária no investimento produtivo ganha reforço após análise da rentabilidade das empresas brasileiras em confronto com o retorno oferecido a quem aplica nos títulos públicos - remunerados pela taxa básica de juros em 80% dos casos. De 243 empresas que apresentaram demonstrações financeiras do primeiro trimestre à Comissão de Valores Imobiliários até 15 de maio, apenas 34% ofereceram ao investidor ganhos além da Selic.

O levantamento foi realizado pelo Conselho Regional de Contabilidade e a Partner On Line. Para calcular a rentabilidade de cada companhia, foi dividido seu lucro trimestral pelo patrimônio líquido (ativos menos passivos). No período, a rentabilidade oferecida pela Selic foi de 4,18%, pata-mar superado por apenas 83 empresas. A rentabilidade média delas foi de 0,28%

- O investimento produtivo tem um risco superior ao de um título público. Por isso, tem de oferecer uma rentabilidade maior. Nossa política de juros desestimula o investimento produtivo - critica o economis-

ta Fábio Freitas, da UFRJ.

O resultado só não foi pior porque, ainda embaladas pela expansão de 2004, as empresas tiveram desempenho melhor no primeiro trimestre de 2005 do que do ano passado. Entre janeiro e março de 2004, a Selic acumulava 3,77%, o que deixava somente 78 das 243 empresas com rentabilidade superior. Aplicando-se a taxa de 2005, o número de empresas acima da linha de corte caíria para 68.

Situação surpreende investidor estrangeiro, afirma executivo

frente dos títulos públicos - alerta Nelson Rocha, presidente do CRC-RJ. - O investidor estrangeiro está em busca das melhores condições de retorno para suas aplicações. Ele vai analisar a rentabilidade e o risco das duas possibilidades e concluirá que é melhor investir nos títulos públicos.

Rocha, do CRC, diz que uma medida de comparação para o desempenho das empresas seria imaginar um pe-

riodo de dez anos para ter o investimento de volta.

- Calculando uma rentabilidade mínima de 10% ao ano além dos juros, hoje a 19,75% ao ano, um investimento aqui teria de oferecer retorno de mais de 30% no ano.

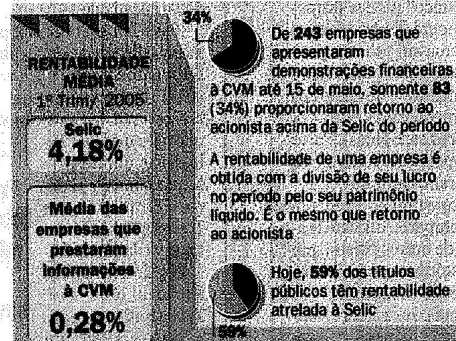
Segundo o diretor financeiro da Ampla, Abel Rochinha, a situação brasileira surpreende o investidor estrangeiro. A concessionária, que tem entre os principais acionistas as estrangeiras Chilectra, EDP e Endesa, apresentou uma rentabilidade trimestral de 0,82%, de acordo com a pesquisa do CRC-RJ.

- O investidor externo acha que a distorção aqui dentro é muito grande. Fazer por ano mais do que 19,75% é difícil. No Chile a remuneração ao acionista é muito superior ao juro local. Felizmente, o investidor produtivo tem uma visão de longo prazo e não desiste de apostar no país diante disso.

O vice-presidente da Federação das Indústrias do Rio, Carlos Gross, concorda.

- É uma situação conjuntural. Ser empresário requer sacrifícios. É uma vocação e, por isso, não há um risco de ninguém vender seus negócios para investir em títulos públicos - afirma.

Indicadores financeiros das empresas



*Cálculos feitos com informações disponíveis na CVM até 13 de maio Fonte: Partner On Time e Conselho Regional de Contabilidade/RJ

EVOLUÇÃO DA SITUAÇÃO FINANCEIRA (No 1º Trim) (em R\$ mil)

	2003	2004	2005
Capital de giro médio*	18.019	22.847	
Saldo de tesouraria*	45.944	142.703	157.800
	228.628		

Mais dinheiro em caixa

As demonstrações financeiras do primeiro trimestre do ano das companhias trouxeram algumas boas notícias. O caixa das companhias está com mais recursos disponíveis à sua operação, segundo o CRC-RJ. O levantamento mostra que o capital de giro médio foi de R\$ 22,847 milhões, avanço de 26,7% em relação aos R\$ 18 milhões do primeiro trimestre de 2004. Em 2003, a média foi negativa em R\$ 65 milhões.

- O indicador mostra a situação financeira da empresa. É o

principal indicador que um investidor deveria ver, já que empresas lucrativas podem falir - diz Nelson Rocha, do CRC.

O saldo médio de tesouraria (o quanto a empresa é capaz de gerar em recursos) caiu de -R\$ 142,7 milhões para -R\$ 157,8 milhões. Segundo o CRC, o dado revela atividade aquecida.

Uma das causas da elevação do capital de giro, segundo o CRC, é a queda no nível médio de endividamento em 72%.

Após transformar débitos com acionistas em participa-

ções no capital, a Ampla conseguiu aval do mercado para reduzir de 30% para 20% seus compromissos de curto prazo no endividamento total, de R\$ 1 bilhão de reais, com emissão de duas séries de debêntures (títulos de renda fixa) com um ano de carência.

- Agora, podemos contar com nosso capital de giro, de R\$ 100 milhões, para necessidades que não sejam o pagamento de dívidas de curto prazo - revela Abel Rochinha, da Ampla. (S.L.)